

# Marx, Weber e o marxismo weberiano

FRANCISCO TEIXEIRA E CELSO FREDERICO

São Paulo: Cortez, 2012 (2ª edição), 255 p.

Paula Marcelino\*

Francisco Teixeira e Celso Frederico retomam em *Marx, Weber e o marxismo weberiano* um tema importante para as Ciências Sociais e a Filosofia: a relação entre a obra de Marx, a de alguns dos mais eminentes teóricos marxistas do século XX e o legado de Weber. Cada autor escreve uma parte do livro. A primeira parte foi escrita por Francisco Teixeira e é composta de uma introdução e seis capítulos. Trata-se, no fundamental, de uma leitura crítica de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Max Weber. Na segunda parte, Celso Frederico destina dois capítulos à discussão sobre a influência weberiana nas obras de Lukács, Goldmann, Adorno, Horkheimer e Debord, e um capítulo a uma análise dos conceitos/temas da transparência, da opacidade e da fantasmagoria em Marx e Weber.

Na primeira parte do livro, Teixeira segue de maneira bastante didática a sequência adotada pelo próprio Weber na construção d'*A ética*. O objetivo do autor é reconstituir as principais ideias e argumentos de Weber de forma a resgatar, durante essa exposição, aqueles debates travados diretamente com Marx ou com autores marxistas e a explicitar os pressupostos epistemológicos de Weber. Desse meritório trabalho de leitura e exposição – certamente fruto de sua longa experiência como professor no esforço de tornar Weber um autor compreensível

---

\* Professora do Departamento de Sociologia da USP. E-mail: prpmarcelino@gmail.com

aos estudantes –, Teixeira sistematiza algumas conclusões interessantes, dentre as quais eu destaco três.

A primeira delas é um posicionamento explícito diante do debate sobre a natureza disciplinar da obra weberiana. Para Teixeira, *A ética* só pode ser compreendida em sua plenitude se vista como uma “investigação sociológica de relações causal-históricas” (p.18), no caso, sobre a origem cultural do moderno capitalismo ocidental. Os elementos históricos são, para Weber, a sustentação empírica das abstrações generalizantes da sociologia e, num movimento de retorno, a história só é compreensível porque a sociologia permite a construção de tipos ideais. Lembremos que Weber espousa uma concepção de história segundo a qual a realidade é um “entulho amorfo”, sem leis de funcionamento que lhe estruturam; portanto, que cabe ao pesquisador, por meio do seu recorte de análise e de conceitos construídos de maneira metodicamente definida, fornecer sentido a (sempre) uma parte dessa realidade.

A outra conclusão muito bem sistematizada por Teixeira a partir de sua leitura d’*A ética*, de *História geral da economia*, também de Weber, e dos comentadores da obra weberiana, diz respeito à importância das ideias no desenvolvimento histórico. O capitalismo ocidental moderno não teria se desenvolvido sem um Estado conduzido de forma racional, sem um direito formalista e sem a ciência e a técnica racionais (p.156). O capitalismo se constitui sobre um terreno cultural específico, sem o qual seu desenvolvimento seria impensável. Discutindo não exatamente com Marx, mas com certas correntes do materialismo, Weber afirmará que a história tem como motor as ideias. Não é o ser, portanto, que determina a consciência.

Destaco, por fim, a relevância dada por Teixeira, na conclusão de seu texto, à diferença epistemológica entre Marx e Weber; o que, em sua opinião, invalidaria qualquer comparação – apressada, diz ele – entre os dois autores e a escolha entre um deles. Partindo de epistemologias distintas e de diferentes concepções da história, os estudos de Marx e Weber sobre a origem do capitalismo não seriam comparáveis (p.168). Subentende-se, portanto, que o pesquisador poderia escolher aleatoriamente entre uma e outra epistemologia. Teixeira não se coloca a tarefa de analisar a pertinência e a eficácia para a compreensão do social de cada uma dessas epistemologias.

A segunda parte do livro, escrita por Celso Frederico, tem como principal proposta analisar a influência de Weber nas obras de diversos autores marxistas; influência essa cuja raiz pode ser encontrada naquele que, segundo Merleau-Ponty, inaugura o marxismo-weberiano: György Lukács. Digo principal porque, entre os capítulos primeiro – onde estão em análise os escritos do próprio Lukács, de Goldmann, de Adorno e Horkheimer – e o terceiro – no qual o objeto são os escritos de Debord sobre o fetichismo mercantil –, Frederico interpõe um segundo capítulo no qual retoma parte da discussão já feita por Teixeira sobre as diferenças epistemológicas entre Weber e Marx. Mas o faz de modo a acrescentar uma série de elementos novos; o desenvolvimento do conceito de reificação (Marx) e as

semelhanças e diferenças dele com o conceito de desencantamento do mundo (Weber). Tais análises servirão de base para a exposição das ideias de Debord no capítulo seguinte. O texto é rico e erudito; e na impossibilidade de resumir todas as principais conclusões no espaço desta resenha, adoto o procedimento já conhecido do leitor: destacarei duas conclusões que me parecem convidativas à leitura.

Frederico afirma, apoiado em Antoine Artus, que a weberianização de Marx efetuada por Lukács resultou em interpretações bastante distantes das originais sobre os temas do trabalho abstrato e do Estado, por exemplo. Lukács, em chave weberiana, entende o trabalho abstrato como decorrência da racionalização, da aplicação das ciências empíricas no interior da fábrica capitalista, e deixa de acompanhar Marx na compreensão dele como uma propriedade social, não natural, das relações capitalistas de produção. Segundo Frederico, “a centralidade do *valor* e de sua realização em Marx é substituída em Lukács pelo nostálgico apego ao *trabalho concreto*” (p.173). O processo de racionalização descrito por Weber, ideia forte nas análises lukacsianas, também deixa seus traços na compreensão do Estado moderno. Segundo Lukács, do ponto de vista sociológico, o Estado é idêntico a uma empresa, pois ambos têm necessidade de uma justiça e uma administração cujo princípio organizativo deve ser a racionalidade. Para Frederico, a análise de Marx dos Estados historicamente existentes não os aproxima da empresa capitalista.

Outro ponto forte do texto de Frederico é a análise que ele faz da “fantasmagoria” em Weber e Marx, da consequência do desenvolvimento da sociedade – para Marx, a capitalista, para Weber, de todas no decorrer da história – em termos de reificação e desencantamento. Apoiado em Gian Rusconi, Frederico afirma que o processo de desencantamento, assim como o da reificação, retira dos homens a possibilidade de dar sentido à sua própria atividade; retira-lhes, portanto, sua humanidade. A diferença estaria menos na consequência do que na causa do fenômeno: para Marx, a razão desse processo de desumanização é o domínio das coisas sobre os homens e em Weber, no domínio dos meios sobre os fins; sob a dominação da organização racional-burocrática – superior a qualquer outra –, o bom funcionamento importa mais que a razão do funcionamento (p.205).

Decomposto em suas partes e capítulos, o livro é interessante e instrutivo; além de demonstrar um trabalho prolongado dos autores sobre o tema. Contudo, como projeto editorial, o livro guarda alguns problemas, todos me parecem relacionados com a ausência de um fio condutor claro que o permeie por inteiro. A comparação entre o marxismo e Weber me parece insuficiente para dar a unidade necessária ao texto. Isso porque o procedimento analítico e de exposição é muito distinto ao longo do livro: ora a comparação é feita com o próprio Marx, ora ela é feita com variados marxismos; ora o texto de Weber é o fio condutor, ora os textos de Marx ou dos marxistas; ora a bibliografia de apoio é bastante citada, ora quase apenas os textos em análise; e, no caso do capítulo sobre Debord, o resgate da herança weberiana é bastante obnubilado pela descrição do percurso analítico do autor.

MARCELINO, Paula. Resenha de: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. Marx, Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Cortez, 2012 (2a edição), 255 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.38, 2014, p.169-171.

***Palavras-chave:*** Marx; Weber; Marxismo.